

## **EGIPTOMANIA: FRAGMENTOS DO MUNDO ANTIGO NO BRASIL.**

Dra. Margaret Marchiori Bakos

Professora do Curso e do Programa de Pós-graduação em História

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Pesquisadora do CNPq

Esta comunicação tem dois objetivos: o primeiro é a divulgação de um projeto de pesquisa intitulado *Egiptomania no Brasil*,<sup>1</sup> e o segundo é a apresentação de alguns dos seus resultados considerados, para fins deste artigo, os *fragmentos do mundo antigo no Brasil*, disponibilizados pelo engenho e pela imaginação dos brasileiros, ao longo dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI.

Toda a pesquisa sobre egiptomania constitui-se em um trabalho de egiptologia, na medida em que promove o estudo do antigo Egito, sua escrita, técnicas e as diferentes formas de manifestações artísticas por ele inventada. Por **egiptomania** entendemos a apropriação e a reinterpretação de elementos da cultura egípcia, com vistas à criação de novos significados e usos. Revificação egípcia, estilo do Nilo, faraonismo e egiptomania são expressões diferentes para expressar o mesmo fenômeno, explica Jean Marcel Humbert (HUMBERT, J.M., 1996).

É importante informar que a prática da **Egiptomania** é um fenômeno mundial, atualmente, e que ela surgiu muito antes da egiptologia. Os visitantes do Egito antigo, os seus vizinhos e contemporâneos, foram os primeiros egiptomaníacos do mundo. Cretenses, fenícios, assírios, persas e, posteriormente, gregos e romanos, milênios antes de Cristo, já levavam para os seus lugares de origens, e davam novos usos, nas suas artes e técnicas, elementos desenvolvidos pelo engenho Egípcio. Entretanto, a história da **egiptologia**, ciência que trata de tudo quanto se relaciona ao antigo Egito, é mais recente. Ela se formou, no século XVIII, a partir da expedição de Napoleão Bonaparte e os estudos da missão cultural que o conquistador levou para o Egito. O marco primordial deve-se a Jean-François Champollion, através da decifração dos hieróglifos, analisando a Pedra de Rosetta, com sua inscrição bilingüe. O conhecimento da escrita provocou a criação e o desenvolvimento da **egiptologia**. Desde então, uma plêiade de sábios ajuda a dar os substratos científicos à egiptologia.

De volta à **egiptomania**, encontramos os imperadores romanos, dominadores do Egito entre os séculos I a.C. e IV a.C., como os primeiros a difundirem, no mundo ocidental, elementos egípcios. Eles se fascinaram pelas tradições da província africana, do Mediterrâneo oriental, entre elas, o conceito de poder divino da monarquia faraônica e as promessas de vida eterna do culto de

Osiris-Serápis e de sua mulher, Isis. Assim, Otávio Augusto, a exemplo de Assurbanipal, séculos antes, levou obeliscos Egípcios, elementos arquitetônicos ligados ao culto solar e ao poder faraônico, para sua terra. E o culto à deusa Isis tornou-se um dos mais populares no Império Romano. Como veremos, esses dois elementos – especificamente, os obeliscos e o nome de Isis – podem ser encontrados em práticas de **egiptomania** brasileira.

Os obeliscos vem sendo adotados, ao longo dos séculos, no mundo ocidental, como monumentos da memória social e elementos decorativos da paisagem urbana. Este projeto já encontrou e sistematizou cerca de uma centena de obeliscos, no Brasil.<sup>2</sup> Sobre a permanência da imagem de Isis, no imaginário ocidental, vamos analisar um caso da adoção do seu nome pela egiptomania brasileira.

Como vimos, o apelativo – Isis – referia à deusa principal do Mito de Heliópolis, pelo seu papel e poderes extraordinários. Entre eles, a geração de vida, o filho Hórus, com o marido – o deus Osíris – depois de morto pelo irmão de ambos, o deus Seth. Assim, o nome de Isis, além de exótico e sonoro, trazia, desde as suas origens, um sentido mágico, que o fez muito utilizado, tanto nas práticas esotéricas, como na egiptomania. O exemplo de uso do nome da divindade como uma prática de egiptomania, que referimos, ocorreu em 2002, para denominação de um bloco de carnaval no Rio de Janeiro. A idéia dessa escolha se formou a partir da magnífica exposição *O Egito Faraônico*, com peças trazidas do Museu do Louvre para a Casa França-Brasil e os foliões inventaram uma música com o seguinte refrão: “Fica o dito pelo não dito, o carnaval começou no Egito, venha para o nosso agito.”

A adoção do nome Isis, para o bloco, e a música que associa o carnaval ao Egito, conferem à escolha o caráter de prática de egiptomania, na medida em que eles associam a deusa e o seus poderes fabulosos ao grupo que participa da festa brasileira<sup>3</sup>. Este é apenas um dos vários exemplo que existem, ao longo da história bem sucedida da permanência de elementos egípcios, em inúmeras outras formas de manifestações no Brasil.

A egiptomania brasileira expressa a complexa formação histórica deste País, a heterogeneidade cultural, a maneira algumas vezes irrefletida, em outras planejada, de apropriação de valores culturais de outras épocas e de diferentes etnias. De fato, essa fascinação pelo antigo Egito toca todas as artes no ocidente, desde a arquitetura, a música, a pintura, a escultura até o cinema. Não há gênero que tenha escapado da sua influência. A escala de desvios toma tal proporção, informa Humbert, que desaconselha qualquer tentativa de dar exclusividade de gênero para classificar e sistematizar as práticas de egiptomania. No Brasil, elas apresentam duas semelhanças básicas com essas atividades em outros países. A primeira é a não reabilitação da

autêntica arte egípcia, que ocorreu com a ida de Napoleão ao Egito e da obra cultural de Denon. A moderna egiptomania brasileira seguiu os cânones e as influências de Roma que adaptou as invenções egípcias. A segunda, é que aqui também ocorreu uma recriação dessa arte Egípcia romanizada na satisfação do gosto pelo estranho, do brasileiro.

Na pesquisa sobre a existência, até então desconhecida, das práticas de egiptomania no Brasil, desenvolvemos alguns procedimentos metodológicos, que são sintetizados a seguir:

1 – Pesquisa e inventário de obeliscos, de construções com forma e/ou detalhes dos elementos arquitetônicos egípcios: pirâmides, monolitos, templos, colunas e outros de origem Egípcia, existentes nas capitais e principais cidades do Brasil,

2 – Ampliação do *site* <http://www.egyptomania.>, criado especificamente para o projeto, na Internet, solicitando informações espontâneas sobre estas e outras práticas de egiptomania que, pela sua localização recôndita, face às dimensões continentais do Brasil, podem passar despercebidas e/ou desconhecidas pelos pesquisadores regionais;

3 – Mapeamento e sistematização dos objetivos explícitos ou inferidos, resgatados, em todo o País, das formas de apropriação e reutilização das coisas do antigo Egito, na busca da valorização dos sentidos pragmáticos e/ou mágicos dessas criações;

4 – Análise dos dados coligidos, sistematização, qualificação e compreensão dos dados obtidos sobre sua condição de objetos, frutos de práticas de egiptofilia ou egiptomania.

O quarto item foi de operacionalidade mais difícil, porque escrever a história da egiptomania é muito complicado, especialmente por uma característica inerente à prática, que é o anonimato e a falta de informação sobre o lugar e o momento de criação. Tais ausências dificultam conhecer as razões dos autores ao se apropriarem de um elemento Egípcio. Como a intencionalidade é um fator essencial para a diferenciação entre uma prática de egiptomania, de **egiptofilia**, ou seja, o gosto pelo exotismo e posse de coisas relativas ao Egito antigo, é preciso buscar a antiguidade dada ao tratamento decorativo, segundo palavras de Humbert, bem como analisar o contexto onde ele se encontra.

Este é o caso, por exemplo, de uma belíssima esfinge, da Biblioteca Pública Estadual de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma escultura em pedra grês,<sup>4</sup> de uma esfinge feminina, com seios e portando um *nemes*, o toucado egípcio, em versão muito particular, estilizada. É possível que a autoria dessa obra, que não está especificada na imagem, seja de algum dos escultores<sup>5</sup> que assessoravam Victor Silva, o diretor, nas obras de reforma do prédio.

A peça, com beleza plástica, emerge de simples objeto decorativo a exemplo de egiptomania, basicamente por dois detalhes. O primeiro deles é o adorno de cabeça que a esfinge

porta, denominado de *nemes*. A fabulosa criatura, com face humana e corpo de leão, foi tomada emprestada dos egípcios pelos gregos, que a tornaram feminina e a colocaram no mito de Édipo, com o nome “esfinge”, que vem de uma raiz grega significando “amarrar firmemente” ou “sufocar”. Ela hoje ocupa uma posição especial na história da sobrevivência do imaginário do antigo Egito, e tornou-se o único elemento que permaneceu, em uso ininterrupto, no mundo ocidental sendo, dessa forma, que o detalhe do toucado é muito importante. Pela sua popularidade, a criatura gerou uma multitude de interpretações<sup>6</sup> e um ramo específico de conhecimento: a *esfingemania*. Nesses estudos se incluem apenas imagens de esfinges de origem estritamente egípcia, ou seja, que portam o *nemes*. O segundo detalhe de identificação da esfinge gaúcha como uma prática de egiptomania é o contexto onde ela se encontra: uma peça da Biblioteca intitulada “Sala egípcia.” E, finalmente, a presença no soclo da estátua de uma estrofe do poema *Esfinge*, escrito por Vitor Silva, o diretor, que identifica a criatura com suas origens no Egito antigo.

As pirâmides e os obeliscos são, ao lado a esfinge, os elementos do antigo Egito mais recorrentes nas práticas de egiptomania. Desde a construção de uma pirâmide em Roma para enterramento de Caius Cestius Epulo (12 a.C.), essa forma geométrica, denominação das sólidas e monumentais tumbas faraônicas, dada pelos gregos, tem um lugar cativo no imaginário ocidental. No Brasil, ela é muito comum nos cemitérios<sup>7</sup> e em construções de moradias, sendo que a palavra “pirâmide”, é muito adotada para logotipia e denominação de estabelecimentos comerciais, e da construção civil, no Brasil<sup>8</sup>. As razões da escolha são, invariavelmente, a busca pela idéia de riqueza e de força que emanam do antigo Egito. Este foi o depoimento dado, por exemplo, no Motel Faraó, em São Paulo. O prédio, monumental, possui uma fachada externa caprichosa em todos os detalhes, e apresenta painéis contendo sinais estilizados da escrita antiga e figuras da mitologia egípcia. No interior do motel, em quartos e corredores, observa-se uma série de objetos criados especialmente para a decoração temática. Essa escolha foi intencional, com o objetivo de passar para os usuários do motel a idéia de riqueza, associada à força e ao poder faraônicos. Essas foram as razões também para a escolha de nomes para as suites, como “Miquerinos”, “Quéfrem” e “Tebas”. E um cardápio de pratos oferecidos aos hóspedes, como coquetel “Nefertari”, sanduíche “Vale do Nilo” e sorvete “Escaravelho do Egito”.

Para concluir, parodiando Sauneron, há quatro gêneros extremamente precisos de atividade para caracterizar um projeto de egiptologia: *deve empenhar-se em salvar um patrimônio cultural, explorar o material que se encontra à sua disposição, ampliar o campo de pesquisas e, finalmente, publicar e difundir o resultado de seus trabalhos* (SAUNERON, 1970, p.32). Estes

foram os princípios desta investigação sobre egiptomania, que buscou apontar a participação dos brasileiros no processo milenar de apropriação dos elementos egípcios, em busca do poder dos deuses e faraós, e encontrou para este país um lugar cativo na *fronteira entre* a ciência e a imaginação, através dos fragmentos do antigo Egito que se encontram no Brasil.

<sup>1</sup> Um histórico deste projeto, que tem uma longa duração, pode ser lido na Revista Phoênix, Rio de Janeiro, 8:403-405, 2002. Foram inúmeras as contribuições que este projeto recebeu por parte de colegas e da comunidade leiga. O grupo de pesquisadores que faz parte do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq é o que segue:

Coordenação Geral: Margaret M. Bakos (PUCRS), Professores: Ciro Flamarion Cardoso (UFE), André Chevitarese (UFRJ), Gilvan Ventura da Silva (UFES), Fábio Vergara Cerqueira (UFPEL), Raquel Funari (UNICAMP), Moacir Sadowski (UESP), Acadêmicos: Carolina M. Guedes (UFRJ) Rodrigo Otávio da Silva (UFRGN), Nathalia M. Junqueira (UNICAMP) Fernanda C. da Costa Pereira (UFES), Welcsoner Silva da Cunha (UFPEL), Marcelo Chielcheski (PUCRS), Márcia Raquel Brito (PUCRS).

<sup>2</sup> Pesquisa de Bianca Hennies Brigidi (PIBIC/PUCRS) sobre obeliscos no Rio Grande e o desenvolvimento extensivo para todo país por Márcia Raquel de Brito (PIBIC/PUCRS) revelou, até este momento, o extraordinário número de 95 obeliscos no território nacional. Fonte: BRITO, M.R., pôster da IX Jornada de Estudos do Oriente Antigo, Porto Alegre, PUCRS, 2003.

<sup>3</sup> Iris Germano, que tem pesquisa sobre o carnaval, considerou importante o fato porque remete à história da festa no Brasil.

<sup>4</sup> JARDIM, 1982:22

<sup>5</sup> Os engenheiros Coelho Parreira e Theophilo de Barros são os escultores dos mármores e bronzes mencionados por Victor Silva.

<sup>6</sup> Desde os finais do século XVII, quando as esfinges começam a decorar os parques e as construções da Europa, o tratamento de suas formas, sempre mais casuais e imaginativas, fogem para longe e longe do protótipo egípcio. Somente ao final do século XVIII é que o retorno aconteceu. Em princípio, na aparência as esfinges são semelhantes, mas elas podem se distinguir muito umas das outras pela forma, pela posição, pelo tocado e pelo papel que desempenham, segundo o contexto onde são instaladas. O tipo mais freqüente é a esfinge agachada. Independente da pose, apenas as esfinges que portam o *nemes*, o tocado egípcio, pertencem à egiptomania. ( Warmenbol, 1995:59)

<sup>7</sup> Há um grupo de pesquisa sobre cemitérios no Rio Grande do Sul, coordenado pelo professor Harri Bellomo, da PUCRS, que apontou um significativo número de pirâmides em construções funerárias e a pesquisa “Egiptomania” recebeu graciosamente muitas indicações dessas ornamentações em cemitérios brasileiros.

<sup>8</sup> Extensa pesquisa sobre tais práticas vem sendo feita neste projeto. Em um primeiro momento por Viviane Adriana Saballa e, na atualidade, por Marcelo Chielchelski (PIBIC/PUCRS), que localizou, até o momento, 235 estabelecimentos com o nome “pirâmide” no Brasil. CHIECHELSKI, M. Poster: “Logotipos e símbolos de estabelecimentos comerciais no Brasil. IX Jornada de Estudos do Oriente Antigo. Porto Alegre, PUCRS, 2003.

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Margaret Marchiori Bakos (PUCRS)

E:mail: [mmbakos@portoweb.com.br](mailto:mmbakos@portoweb.com.br)

## Bibliografia

A) Artigos publicados relativos ao projeto:

BAKOS, M. (1996) A Coleção Egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. In

BAKOS, M. *Fatos e Mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUC.

----- (1998) Three Moments of Egyptology in Brazil. *Proceedings of Seventh International Congress of Egyptologist*. Cambridge, Leuven Uitgeverij Peeters, p; 87-91, 3.9 sept..

.....Um olhar sobre o Antigo Egito no Novo Mundo: a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. *Revista de Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, 27 (2):153—172, dez. 2001.

SABALLA, V.(1998) Egiptologia no Rio Grande do Sul. In: BAKOS, M. e POZZER, K. *III Jornada de Estudos do Oriente Antigo*. Porto Alegre: EDIPUC.

B) Referências fundamentais do projeto:

CARDOSO, C & VAINFAS, R. (1997). *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus.

DONADONI, S. ( 1990) *Egypt from myth to Egyptology*. Torino: Fabbri Editori.

HUMBERT, J.M. (org.) (1996) *L' égyptomanie à l' epreuve de l' archeologie*. Bruxelles: Éditions du Gram.

----- (1996) *Egyptomania. Egypt in Western Art*. Ottawa: Éditions de la Réunion des Musées Nationaux.

SAID, E. (1990) *Orientalismo*. São Paulo: Ed. Schwarcz

Agradecemos as contribuições ao projeto feitas por:

André Chevitaresh (Rio de Janeiro), Antonio Otávio de Paiva Moura (Minas Gerais), Carolina Machado Guedes (Rio de Janeiro), Gilvan Ventura da Silva (Espírito Santo), Fernanda Coimbra C. Pereira ( Espírito Santo), Pedro Paulo Funari (São Paulo), Luis Augusto de Lima (Museu Mineiro – Minas Gerais), Nathalia Monseff Junqueira (São Paulo), Fábio Vergara Cerqueira (Pelotas), Raquel Glezer (Museu Paulista – São Paulo), Rodrigo Otávio da Silva (Rio Grande do Norte), and Faraó's Motel (São Bernardo do Campo). A pesquisa somente foi possível pelo apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da PUCRS.